

ANÁLISE DE OBRA

O Combate entre Carnaval e Quaresma, de Pieter Breughel, o Velho
(1559, óleo sobre madeira, 118 x 164cm, Kunsthistorisches Museum, Viena)

Sylvie Doriot Galofaro



O carnaval é festa que mostra a mestiçagem cultural, a que se atribui, em princípio, a função essencial de reafirmar as relações que unem o povo. Podemos, assim, diferenciar as festas de acordo com os povos que as celebram. Hoje,

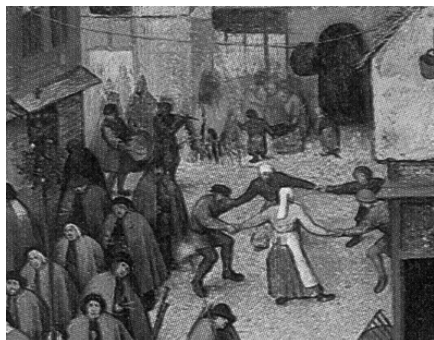
porém, prevalece a ideia de que as festas estão em declínio. Para uns, a civilização moderna se relaciona mal com as manifestações tradicionais. Para outros, é o sentido do sagrado que se perde e, com ele, perde-se o sentido da celebração. A festa é *mise en scène* em praça pública, ou seja, a teatralização de uma imagem da coletividade, em que o absurdo e o cômico se tornam aspectos comuns a todos os carnavais. Dessa maneira podemos, então, enfatizar a dimensão simbólica e identitária da celebração. Buscaremos aqui analisar essa representação no quadro *O combate entre Carnaval e Quaresma*, de Peter Breughel.

ELOGIO DA LOUCURA

Só com o humanismo e o livro de Erasmo, *Elogio da loucura*, a Igreja para de condenar todos os excessos como pecados. Se as regras são indispensáveis, em contrapartida o homem também precisa relaxar. A polêmica é árdua entre os teólogos, mas alguns consideram que a arte e a festa são indispensáveis ao homem. Em meio às querelas da Igreja, Pieter Breughel, o Velho (1525/30-1569), criou o quadro *O Combate entre Carnaval e Quaresma*, em 1559.

A tela apresenta dupla originalidade, de acordo com a análise do folclorista francês Claude Gaignebet (GAIGNEBET, Claude. *Le combat de Carnaval et de Carême*, de P. Breughel (1559). *Annale E.S.C.*, 1972, p. 313-345). O combate entre Carnaval e Quaresma, que dá título ao quadro, ocupa apenas uma pequena parte do primeiro plano. O personagem Carnaval é rechonchudo e segura um espeto com comida. Seu “carro alegórico” é composto por um tonel empurrado por personagem com vestes coloridas e munido de chapéu pontudo. Mesmo em se tratando de um combate, não há qualquer vestígio de violência. A cena mais parece uma transição festiva do que uma batalha.

Atrás do Carnaval, um homem carrega uma mesa na cabeça e uma vela na mão. Sobre a mesa encontram-se diferentes tipos de pães. Outros personagens estranhos cercam o carro. Alguns são mascarados. Um violonista toca o instrumento, que parece minúsculo diante de seu ventre enorme. No lado oposto, a personagem Quaresma e magros arenques fazem girar suavemente uma tábua de padeiro. Ela se apresenta como figura austera – longa e magra, com vestes em cores pálidas e uma colmeia na cabeça –, sentada sobre uma cadeira alta. Ao lado da cadeira há *bretzels*, pão sem fermento e um cesto cheio de uvas. O carro é puxado por um homem, provavelmente um monge, e uma mulher. Crianças e adultos fazem barulho com seus chocalhos. Ninguém usa máscaras, e um aleijado segue o cortejo.



A análise atenta do conjunto das diversas cenas que compõem o quadro revela a presença de um tempo múltiplo. Breughel dispõe, no espaço, os elementos de um período que vai do Natal à Páscoa.

O CICLO DO CARNAVAL: NATAL

O Natal é simbolizado por um fogo que ilumina, em vermelho, o fundo do quadro e seu entorno, onde estão reunidos crianças e adultos. O costume de acender fogo no Natal era muito comum nos Países Baixos. Os padres contam também que essa tradição marca as festas pagãs do solstício de Inverno, do renascimento da luz, e do sol invencível. Em conformidade com a maior parte dos calendários, Breughel inicia em 25 de dezembro o ciclo de carnaval. Faz uma roda em volta do fogo, porque durante o carnaval é costume dançar.

O ALBERGUE DA NAVE DOS LOUCOS

A evocação dos dias gordos começa no segundo plano, à esquerda, pelo albergue, com o letreiro do barco azul. O pequeno barco azul informa que, em Flandres, a segunda-feira gorda é chamada de “segunda-feira azul” e que fazer “a segunda-feira azul” significa “fazer a festa”. A embarcação azul, em holandês, é o equivalente à nave dos loucos; representada no famoso quadro de Jérôme Bosch (1450-1516) conservado no Louvre. O mastro da nave é, ao mesmo tempo, um mastro de cocanha, no qual uma perua é pendurada. No primeiro andar do albergue as janelas abertas mostram dois amantes se beijando e um tocador de gaita de fole (*cornemuse*) vomitando, alusões ao aspecto sexual e às bebedeiras que marcam o desenrolar do carnaval.



A SEQUÊNCIA DO CARNAVAL

O desfile de Carnaval, montado em seu carro-tonel na hora do pôr do sol, marca o fim de todo o ciclo e o enterro iminente do herói satisfeito. As fantasias e os atributos representativos mostram as últimas horas da Terça-Feira Gorda. O personagem que fecha o cortejo usa veste de palha trançada, muitas vezes queimada na fogueira de Carnaval. Esse personagem carrega também um colar de ovos representando os alimentos carnavalescos preparados à base de ovos, como *waffles* ou crepes. Em sua cintura, uma caixa de sal simboliza o dia em que os bois gordos são abatidos e postos para salgar. Na sua frente vai um músico carregando um caldeirão na cabeça. Seu ventre inchado recorda o costume de consumir alimentos flatulentos nessa época do ano, sobretudo a fava, que vem animar “a alma do ventre” (GAIGNEBET, 1972) e assegurar a circulação do sopro para espantar as almas dos mortos.

Carnaval segue na frente, cavalcando seu tonel que tem um caldeirão como estribo, com um prato de canja de galinha substituindo o penteado, atributo pouco comum que lembra o costume de comer galinha na Terça-Feira Gorda. Ele também carrega em uma das mãos um espeto com um frango e um porco, como se fosse um açougueiro. Isso é, na realidade, uma homenagem à corporação que fornece o boi gordo.

Ao redor dele estão dispostos dois elementos evocativos da Terça-Feira Gorda: o baralho para jogar e o porco, animal símbolo do tempo carnavalesco. O jogo de dado também faz parte da festa. E as cascas de ovos, no solo, anunciam a Quaresma.



O CICLO DA QUARESMA

Do outro lado da linha mediana do quadro, algumas cascas de mexilhões, no chão, sinalizam, em comparação às cascas de ovos do Carnaval, que a fronteira foi cruzada e que o tempo de Quaresma chegou.

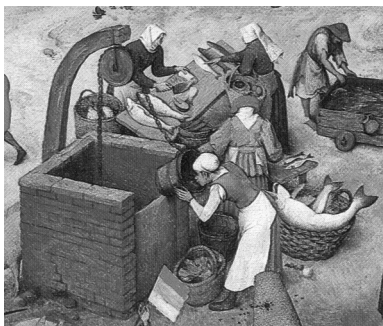
A VELHA QUARESMA

A iminência da vitória de Cristo, para Quaresma, é o sinal de que tudo está consumado: a Velha Quaresma, desencarnada, está morrendo. Vai ser enterrada junto com seus atributos. Seu banquinho de rezar a Deus indica sua grande devoção. O rosário de cebolas, encostado no assento, mostra que esse é um dos principais alimentos do período. Prepara-se para enterrar o tempo de penitência e de abstinência.

Na cabeça da Velha encontra-se uma colmeia que funciona como chapéu, de onde saem abelhas. O mel é alimento básico para os que respeitam a Quaresma estritamente. Ele lembra também que, no Oriente, o combate do carneiro e do mel é equivalente ao combate entre Carnaval e Quaresma. O mel, alimento puro, convém ao tempo de penitência.

OS MENDIGOS

Todo o período da Quaresma, durante o qual a Igreja convida seu fiel à prática “da caridade fraternal”, é marcado pela mendicidade dos enfermos, cegos, aleijados e outros estropiados.



A SAÍDA DOS HUMILDES

Da igreja, ao redor da qual se organiza todo o ciclo da Quaresma, saem pela porta lateral oeste os fiéis que levam pequenos genuflexórios estofados em que se reza a Deus.

AS VENDEDORAS DE PEIXE

Atrás do poço, no centro, vemos as vendedoras de peixe representando, emblematicamente, os 40 dias de abstinência.

O BALDE TIRADO DO POÇO

A Primavera aparece no centro do poço, como sugere o cesto de alfaces e a roupa leve da jovem. A água tirada do poço, na manhã de Páscoa, oferece virtudes benéficas.

A CASA DE PÁSCOA

No final do ciclo, a Primavera instalou-se. A casa central oferece a síntese das atividades pascais, a tradicional grande limpeza da Primavera. Uma mulher, na escada, lava as vidraças; enquanto outra pole a grelha e os caldeirões, que devem estar prontos para preparar as carnes. Os doces, perto da janela, assinalam o final do período de abstinência.

O LOUCO DE PÁSCOA

Na segunda-feira de Páscoa, sentado sobre o parapeito da janela, isolado no centro do frontão, o louco contempla e julga. O homem usa fantasia característica: máscara branca, um par de chifres e uma bexiga inflada nas costas, emblema da loucura medieval, que o assemelha aos loucos de então. É a Páscoa, portanto, que, sob os traços do louco, julga a luta dos dois antagonistas do primeiro plano.



Enfrentam-se, no quadro, não dois personagens, mas dois calendários que o Concílio de Trento (1545-1563) pôs em concorrência. Por esse duplo movimento Breughel traduz, visualmente, a oposição entre o ciclo das festas cristãs e o ciclo popular do carnaval, condenado pela Igreja como manifestação das antigas depravações dos bacanais e das saturnais.

É assim que o artista oferece a nossos olhos “mais pensamento do que pintura”. Na tela o espaço-tempo se organiza em movimentos circulares opostos ou alternativos: Carnaval, de um lado; Quaresma, de outro. Escapar do absurdo do tempo e tomar o lugar do pintor ou do louco é deixar o chão para se debruçar no parapeito da janela e olhar do alto a agitação das festas. Da mesma maneira que Cristo, o louco escapa do tempo.

Sylvie Doriot Galofaro é doutoranda em História da Arte pela Universidade de Lausanne, etnologista e trabalha na direção para a animação cultural e do cinema, numa escola Suíça (Centre Scolaire de Crans-Montana).

